
UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01059086 7



Camilo e o Povo fora dos dicionários

DO AUTOR:

FRANCISCO ANTÓNIO DA VEIGA BEIRÃO — NOTAS BIBLIOGRÁFICAS — na *Revista do Instituto Superior do Comércio*, vol. I — 1918.

PRONTUÁRIO DE ORTOGRAFIA *(Segundo a Reforma Oficial)* — 1921, 1 vol.—Esgotado. A 2.ª edição no prelo.

EM PREPARAÇÃO

A LINGUAGEM ALENTEJANA — *Gramática, frases e vocabulário.*

■ ■ ■

ANTONIO DA COSTA LEÃO

. . .

Camilo e o Povo fora dos dicionários

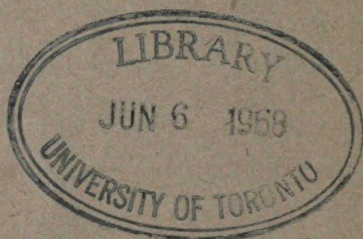
(Subsídios para o léxico português)

. . . .

LISBOA

TIP. DA EMPRÊSA DIARIO DE NOTICIAS
Rua Diario de Noticias, 78

1922


LIBRARY
JUN 6 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

A língua portuguesa é o mais opulento de todos os idiomas. Esta afirmação tem sido feita por reconhecidas autoridades; e todos o podemos verificar comparando com o nosso dicionário o de qualquer língua estrangeira.

O «Novo Dicionário da Língua Portuguesa», do sr. dr. Cândido de Figueiredo, na 2.ª edição, regista cêrca de 200.000 vocábulos! E vai agora ter as honras de 3.ª edição esta grandiosa obra, «muito corrigida e copiosamente aumentada», porque o ilustre lexicógrafo jamais deixou de investigar e recolher termos dispersos, populares e tecnicos, e neologismos.

A maneira prática, eficaz, de enriquecer, ainda mais, o dicionário português, seria recolher da linguagem clássica e arcáica e da popular os vocábulos esquecidos ou desconhecidos dos dicionaristas.

*

Os clássicos — como João de Barros, Frei Luís de Sousa, P.e António Vieira, Manuel Bernardes, Fernão Lopes, Mendes Pinto, Herculano e outros

— e os manuscritos dos arquivos podem fornecer valioso material, ressurgindo-se tantos termos e expressões que jazem no esquecimento ou no pó dos documentos, e que bem podem, sem apôdo de velharias, engalanar ou embelezar muitos trechos de boa literatura moderna. Mas êsse ressurgimento há-de ser consciente, só competindo a quem conheça a sciência filológica, a história da nossa língua, para não originar interpretações erróneas e falsas significações. Os *Lusíadas* — a Bíblia dos portugueses — têm tido, felizmente, vários interpretadores, o que muito tem facilitado o seu estudo e leitura. (1)

---

(1) Ao falar de clássicos, queremos deixar aqui consignada a nossa homenagem ao Português ilustre que foi o dr. FRANCISCO ANTONIO DA VEIGA BEIRÃO — Mestre na advocacia, cuja toga honrou como ninguem; grande na politica, cujas vitórias, nobremente ganhas, como deputado, par do reino, ministro, presidente de conselho, conselheiro de Estado, ainda estão na memória de todos nós; legislador inteligente e patriota em cuja obra avantaja o Codigo Comercial, o Codigo Penal, etc; respeitável e sábio professor de Direito Comercial e Internacional; representante de Portugal em vários congressos estrangeiros, no Institut de Droit International Privé e no Tribunal Permanente de Arbitragem da Haya; honrado cidadão — o *vir probus* — em toda a sua vida, que a República soube respeitar reconduzindo-o, por novo período de 6 anos, na alta missão de nosso vogal no referido Tribunal de Haya (decreto de 6 de Março de 1911); consagrado académico; orador que, se não tinha o verbo arrojado e fulgurante, possuia a forma erudita, a palavra apropriada, correcta, a frase eloqüente.

Em todos os seus trabalhos literários e jurídicos, especialmente as *Comemorações*, o discurso sôbre a *Origem das Academias* e a contínua colaboração na *Gazeta da Associação dos Advogados* e na revista *O Direito* — a sua linguagem é modelar, é *clássica*.

Do que era, do que valia o dr. Francisco Beirão, prova-o a *Revista do Instituto Superior de Comercio*, cujo I vol.—1918—lhe foi inteiramente consagrado, e no qual inserimos (pag. 23 a 57) uma pormenorizada e vasta *bibliografia* do homenageado.



A linguagem popular, tão exuberante nas suas formas e significações, também precisa ter os seus compiladores. Muitos vocábulos — verdadeiras joias pelo seu valor representativo e filológico — andam na boca do povo, e quantos se terão perdido ou se perdem, por falta de quem exerça o acto patriótico de os recolher e apontar aos lexicógrafos e filólogos.

Cumpre olhar com interêsse para êste facto, pois que, evitá-lo, importa a defesa do nosso valiosíssimo património lingüístico. A língua — segundo escreve a sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1) — é a «base, a mais genial, a mais original e nacional obra de arte que cada nação cria e desenvolve». Devemos, pois, ter amor ao nosso idioma, a língua que nós falamos, que nossas Mães nos ensinaram a balbuciar e em que nossos filhos se iniciaram e que vão aperfeiçoando — idioma que é, sem dúvida, a par da sua incomensurável riqueza, dos mais belos.

Por isso lembramos àqueles que, por êsse país fora, nas vilas e aldeias, tenham mesmo relativa ilustração, que juntem os vocábulos e locuções próprios da localidade ou da região — isto é, os que o povo aí fala e que se não encontram registados,

---

(1) *A Saüdade Portuguesa*, pag. 45.

e publiquem a sua recolha ou a enviem aos sábios que ao assunto se dedicam. Bastava que em cada localidade o professor primário, o médico, o advogado, o padre, ou qualquer estudioso, se estimulassem naquele sentido para que o dicionário português aumentasse consideràvelmente. Bem sabemos que nem todos os provincianismos se devem aproveitar pela exigüidade do conceito e que nem todos os plebeísmos merecem, pela baixa significação, ser registados — mas muito ganharia a língua com o respigo.

Pelo que diz respeito à acção dos professores de ensino primário, os seus órgãos na imprensa não deixariam de lançar a ideia, incitando-os a esta tentativa, sôbre todos os títulos, elevada, patriótica. Ainda há pouco «O Professor Primário», órgão da União do Professorado Primário Português, pela pena do distinto professor Manuel Subtil, no intuito, muito para louvar, de desenvolver a toponimia portuguesa, aconselhava os seus consócios ao estudo da «Origem dos nomes das terras de Portugal». Oxalá se consiga fazer êsse estudo! E óptimo serviço era prestado à língua pátria se aquele e os outros jornais da classe tomassem a peito a propaganda do que aqui propomos, e se os professores se animassem e dessem protecção ao empreendimento que aconselhamos.

Assim, as colecções ou recolha dos vocábulos e frases próprios da sua localidade, que cada professor, nas horas vagas do seu pesado labor diário,

organizasse, poderiam ser depois submetidos às entidades competentes.

Ninguem melhor, para se incumbir do estudo e compilação de tais documentos, do que a Academia das Sciências de Lisboa, que alberga, entre os seus sócios, verdadeiros amigos da língua e considerados filólogos, como são os que compõem a *Comissão do Dicionário* — doutores Cândido de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, David Lopes e José Joaquim Nunes. Êste último sócio e sábio professor foi eleito, cremos, Redactor do Dicionário; — e da sua proficiência, da sua capacidade de trabalho e intelectual muíto há a esperar.

Pelo que diz respeito aos médicos, advogados e párocos, dispersos pelo país, a Academia, com a sua autoridade scientífica, a sua categoria social e a sua situação, poderia estabelecer entendimento com aquelas individualidades por meio de circulares ou até munindo-se de disposição expressa em diploma ministerial, se necessário e possível, ou ainda por qualquer processo que julgasse mais prático.

Trabalhe-se, envidemos todos os esforços, e a língua pátria, já de si rica, verá crescer, avantajar, opulentar, ainda mais, o seu léxico.

A linguagem popular ficaria, desta sorte, estudada e registada condignamente.

E tendo alguns modernos escritores portugueses reproduzido em seus romances a linguagem regionalista, cumpre estudar essas obras. Que nêsse es-

tudo se empenhem os que, sendo competentes, conheçam as respectivas regiões.

Citaremos alguns autores.

A obra de Fialho de Almeida está cheia da pituresca e característica *fala* alentejana.

A *Ressurreição dos Mortos*, do sr. dr. Sousa Costa, interessante romance de scenas da vida do Douro, é um vasto repositório da linguagem característica da região, num vistoso vocabulário e em expressivas locuções regionalistas. O ilustre académico e consagrado romancista observou, estudou, sentiu a região duriense, pelo que o seu romance é uma viva e colorida fotografia. A paìsagem, os trabalhos campesinos, a alma do povo e a sua linguagem estão ali primorosamente desenhados, pintados.

O sr. Aquilino Ribeiro, vigoroso escritor, também nos dá, no seu romance *Terras do Demo*, abundante soma de exemplos da linguagem popular.

*

Sôbre tudo e sôbre todos está a obra de Camilo Castelo Branco — o grande, o máximo, o incomparável escritor o mais fecundo dos nossos romancistas, «essa suprema eflorescência artística da alma portuguesa».

A língua nacional, através dos seus romances, vasa-se em cadinhos puríssimos de exclusiva factura portuguesa, corre fluentemente, brilha, seduz,

canta, chora, faz-nos trasbordar o coração de amor, exalta-nos de alegria, enche-nos o espírito de dor, de tristeza, torna-nos febris de ódio, de paixão. Em cada página, encontramos fulgurantes constelações de joias de valor inestimável, que o mais escrupuloso artista houvesse lavrado, esculpido, cinzelado — que é a sua inigualada linguagem. Em Camilo, o vocábulo é português, tem propriedade, tem originalidade, rebrilha, possui harmonia, é perfeito.

A literatura camiliana, toda ela, tem muito que explorar — é questão de paciência, — pois a sua linguagem é de tal riqueza que assombra o estudioso investigador.

Os camilianistas, os verdadeiros camilianistas, que o são de alma — pois não me refiro àqueles que só por vaidade assim se cognominam ou aos simples coleccionadores das obras do Mestre, — bem podiam extrair daquele inesgotável manancial os vocábulos ainda não estudados ou colhidos pelos dicionários, ou os que Camilo empregou com diversa significação.

Camilo era, com certeza sem o pensar, um grande respigador da literatura clássica, pela muita leitura dos bons escritores da antiguidade, e simultânea mente um excelente tradutor ou compilador da linguagem do povo.

Tão grande foi Camilo, que o seu génio tem atravessado sucessivas gerações, sempre como astro ofuscantemente luminoso.

A sua gigantesca e maravilhosa obra tem sido

apreciada, comentada, discutida, estudada por inúmeros escritores, literatos, scientistas, críticos, em livro, folhêto, crónica, folhetim ou artigo.

Em *A Folha (Microcosmo literário)*, n.º 4—1869, — interessante mensário que se publicava em Coimbra e no qual se iniciaram os nomes ilustres de João Penha, Cândido de Figueiredo, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, Alberto Pimentel e outros, que pela vida fóra brilharam ou ainda brilham nas letras pátrias, encontrámos um artigo em que o professor, poeta, literato e publicista J. Simões Dias fazia o balanço crítico do ano literário de 1868, do qual extraímos o seguinte trecho, que, por forma insuspeita e independente, vinca bem a personalidade literária de Camilo:

Camilo Castelo Branco, Gomes Coelho e porventura Oliveira Martins e Gaio foram os expositores mais galardoados êste ano pelo conselho dos competentes. Da fecundidade do primeiro já não há que dizer; os folhetinistas esgotam o assunto. Preso ou sôlto, calado ou falando, sentado ou passeando, no caminho de ferro ou no omnibus, acordado ou... ia a dizer dormindo, e quem sabe? talvez em sonhos, Camilo escreve sempre. Aquele cérebro é um cronómetro, a que nunca falta corda. A sua imaginativa é o tonel das Danaides: nunca se enche, nunca se farta. Atirem-lhe para cima da mesa resmas e resmas de papel, Camilo enche-as sem levantar a pena.

Andam por 76 os volumes que publicou (1). Tem havido anos de meia duzia. Umas vezes aparece-nos como editor

(1) — Note-se: Esta crítica foi escrita em 1869.

das obras de Soropita, outras como tradutor de Chateaubriand e Rosely de Lorgues, outras como arqueólogo, que sei eu? Camilo não se esgota, ainda que por vezes se repete: todavia o que mais o recomenda não é a sua fecundidade, não é a flexibilidade do seu génio aplicado a tantos géneros de literatura; a sua corôa é o seu estilo, que tem o condão de arrancar lágrimas e risos ao mesmo tempo. O enrêdo de seus romances é de ordinário lógico e bem deduzido, mas não espanta. Quando a acção não prende o leitor, o íman do estilo seduz, e só êle salva a obra. Acontece isto no *Mosaico;* e, se quisesse falar em obras de anos anteriores, citava as *Memórias de Guilherme do Amaral.* Camilo esteve quasi perdido quando se esqueceu do que valia para se entregar à alma endiabrada de Dumas e Torcuato Tarrago y Matheos. Quem lê a *Vingança* e os *Mistérios de Lisboa* não conhece o discípulo de Balzac em o *Homem de brios* e o discípulo de si mesmo no *Sangue*, nas *Virtudes antigas*, no *Retrato de Ricardina* e nos *Mistérios de Fafe*, último romance de Camilo em 1868. O autor da *Bruxa do Monte Córdova* retempera-se de dia para dia. O estilo cada vez é mais valente, o estudo social mais profundo. Se houvessemos de fazer algum reparo era a respeito do excesso de classicismo. Receamos, e com bons fundamentos, que o sr. Camilo Castelo Branco, impelido pelo amor da vernaculidade, venha a cair no arcaísmo bisonho e naquela desafinada melopeia dos gongoristas.

O pudor já por vezes é ofendido por amor da propriedade. Não há muito que em Lisboa preguntaram ao autor dos *Mistérios de Fafe* se por ventura lhe não còravam as faces quando escrevia *bimbalhadas* com a mesma semcerimónia com que escreveria o arcaísmo equivalente a *massa!*

Não obstante, alguns têm acusado Camilo de maltratar por vezes a fórma literária ou a pureza

lingüística pelo uso de expressões populares e dos plebeísmos.

É de notar o que Camilo declarou no prefácio do seu romance *As três irmãs* — 2.ª edição revista pelo autor, Porto, 1866:

«Os demasiados primores deterioram os escritos que, pelo comum, são mais apreciados pelos iliteratos, que dos averiguadores das vernaculidades e luzimento das imagens.»

Aquele uso, portanto, longe de ser um vício, é uma autêntica virtude. Isto demonstra judiciosamente o sr. Antero de Figueiredo no seu volume *Jornadas de Portugal*, do qual, com muito prazer, transcrevemos os trechos que seguem:

E como êle amou a sua língua — a nossa querida língua portuguesa!

A princípio, seu estilo, já rico, tem a sincera ênfase do amor exaltado que êle serve e o precipitado andamento da paixão que não escolhe palavras. Na fase do romance histórico, a mão que folheia, com vagar, os velhos documentos, folheia também os duros livros de prosa antiga e os intumescidos léxicos portugueses — guardiões da língua na tradição da estrutura e dos termos; e tal é o assombro ante a abundância aí encontrada, que o escritor, aturdido, enterra nela as mãos e, às braçadas, atira para os livros essa fartura de vocabulário, não sem que, nos ímpetos do entusiasmo, consiga esconder a preocupação de passar para os seus romances todo êsse erário de palavras e de sinonímias empilhadas nas altas colunas dos arcáicos glossários. Mas vem, finalmente, um período em que, desaparecendo todos os excessos e guardados todos os equilíbrios, a prosa do mestre atinge, na máxima fôrça, sem violência,

à máxima expressão com naturalidade, variedade e elegância.

Aqui, neste retiro de São Miguel de Seide, entram-lhe pelas janelas da sua sala de trabalho, na onda de vozes várias — no pregão das peixeiras, na jíria dos almocreves, na bulha de palavras e peguilhos de frases entre mulherio desbocado — entram-lhe pelas janelas os plebeísmos grosseiros e caem-lhe nas páginas de prosa clássica em que o escritor gasta seus olhos, esmiolando, por entre períodos seguidos de leal insipidez, perdidos vocábulos de preciosa evidência, ou polido dizer de frade artista. Ficam-lhe nos ouvidos os plebeísmos e nos olhos os arcaísmos; e a vivacidade de uns e o culteranismo de outros casa-os seu bom gôsto servindo sua prosa; e de tal arte que ela nem fica bafienta das expressões obsoletas que enchem êsses *in-folios,* nem charra do calão ouvido aos desordeiros das feiras minhotas, que, à luz apurpurada dos alevantes impulsivos, cospem nas mãos surradas e arrancam contra magotes inimigos, floreando no ar o lódão varredor. Pelo contrário, tem sabor vernáculo sua prosa ennastrada de plebeísmos e de neologismos adrede compostos; e sacudidos requebros ultra-modernos certos períodos tauxiados de palavras em desuso. Ás vezes, para marcar irrequietos aspectos da vida de hoje, serve-se de palavras mortas dos livros traçados; outras é com termos e trejeitos de linguagem falada, ouvida à última recoveira, que êle movimenta e ergue diante de nossos olhos, em pé e vivas, essas góticas figuras da lenda antiga, antes emmaranhadas nos elzevires dos nobiliários e das crónicas fastientas; e, repito, de maneira nenhuma sua prosa fica ronceira ou presumida, mas sempre poderosamente expressiva e marcadamente individual.

Nas suas mãos os termos enfáticos, tratados com urbanidade, parecem naturais; os ásperos amaciam-se na tonalidade bem achada dos que os cercam; os obsoletos perdem rigidez; os vulgares ganham respeito; e foliam entre si,

amáveis e tolerantes, as sisudas palavras eruditas com o gaiato tagarelar do povo folgazão. Averba substantivos; latiniza plebeísmos; lusitaniza provincialismos; e na ânsia de agitar expressões marasmadas, de tornar rútilas as esmaecidas, e dúcteis as agrestes, desarticula prefixos, muda desinências, divorcia partículas verbalmente casadas, inventa onomatopeias reflectidoras dos sons das vozes significadas, e reforça e acelera, com prepositivas, verbos que lhe parecem retardados de movimento; enfim, muda, compõe e cria vocábulos e estruturas, sempre que precisa de realizar enérgicas expressões de vida, repuxadas pelo seu convulso temperamento de artista exuberante. E em todo êste maciço de palavras — artísticamente equilibrado nos seus matizes metálicos, nos largos rítmos em que as frases se ajeitam, nas flexuosidades da sintaxe livre — em todo êste maciço de palavras não há um desvio de simpatia por termo exótico ou construção bastarda, mas, pelo contrário, mantém-se íntegro o génio da língua portuguesa.

É magistral, é completa esta definição da linguagem camiliana!

*

Camilo, o maior de todos os criadores e cultivadores da nossa língua, praticou um injustificável *galicismo.*

Faço aqui esta afirmação, crendo não ser irreverente para com o Mestre. Nem tal me seria lícito, nem a minha profunda admiração pelo grande escritor mo permitiria. Apenas o espírito de investigação e estudo me levou a notar o deslize.

O *galicismo* encontra-se nos *Mistérios de Lisboa,* a pag. 47, vol. I, 5.ª edição:

«Aquela fronte, alumiada pelo sol da esperança, restaurou a nobre altivez de sua majestade acurvada pelo aviltamento. De pé, como a **tige** da flôr, que uma gôta de água revocou à vida, minha mãe sentia-se viver das expansões delirantes do espírito».

Tige é termo francês que tem o seu correspondente em português — *haste,* que ainda não foi substituído, nem ninguem sequer o tentou. Por isso classificamos de injusticável o francesismo, tanto mais que a linguagem de Camilo é caracterizadamente portuguesa.

*

De tudo quanto deixamos escrito pretendemos concluir que:

— Os *clássicos* devem ser interpretados dando vida, luz, civilização filológica século XX, a muitos dos seus eloqüentes e conceituosos dizeres (1).

---

(1) — Consultem-se:

DR. JOSÉ JOAQUIM NUNES:

Gramática Histórica Portuguesa — Fonética e Morfologia.

Crestomatia Arcaica — Excertos da literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI, acompanhados de Introdução gramatical, Notas e Glossário — (2.ª ed.).

Crónica da Ordem dos Frades Menores (2 vol.) — que contém um elucidativo estudo de interpretação.

Vida e Milagres de Dona Isabel Rainha de Portugal. — Texto do Século XIV, restituído à sua presumível forma primitiva e acompanhado de notas explicativas.

FRANCISCO JOSÉ FREIRE (Cândido Lusitano):

Reflexões sôbre a Língua Portuguesa.

DR. CANDIDO DE FIGUEIREDO:

Linguagem de Camões.

Novas Reflexões sôbre a Língua Portuguesa.

DR. AGOSTINHO DE CAMPOS:

Antologia Portuguesa. Já estão publicados os seguintes volumes: *Pa-*

— A *linguagem popular*, nas suas variegadas e exuberantes fórmas, deve ser rebuscada, recolhida, urbanizada carinhosamente e exposta condignamente (1).

— A *linguagem camiliana* deve ser estudada, comentada, vulgarizada e dicionarizada (2).

---

dre Manuel Bernardes (2), *Herculano, Frei Luís de Sousa, João de Barros, Paladinos da linguagem, Fernão Lopes*, etc.

Dr. J. Leite de Vasconcelos:

Lições de Filologia Portuguesa.

Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo:

Elucidário das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usárão, Lisboa, 1798.

Duarte Nunes do Leão:

Origem da Língua Portuguesa.

Francisco Evaristo Leoni:

Génio da Língua Portuguesa — 1858.

(1) Alguns trabalhos dêste género, importantes, estão publicados:

Províncianismos usados em Monção, por António de Pinho — *A Aguia*, vol. X e seg

A Jíria Portuguesa, esbôço de um dicionário de *calão*, por Alberto Bessa, com prefácio do Dr. Teófilo Braga.

Tradições populares, linguagem e toponimia de Barcelos, por A. Gomes Pereira — Espozende.

Apostilas aos Dicionários Portugueses e *Palestras filológicas*, por Gonçalves Viana.

Linguagem popular dos arredores do Porto, pelo dr. Antonio Augusto de Araujo e Melo. E' uma importante colecção de termos e frases colhidos nos arredores do Porto, principalmente nos concelhos de Gaia e Feira, destinada a facilitar aos notários a interpretação da linguagem dos habitantes daquela região, os quais empregam termos com acepção diversa da consagrada na língua portuguêsa, vocábulos inteiramente estranhos a ela, cuja significação só é conhecida entre êles, palavras estropiadas, a que dão fórma nova por virtude de adicionamento, substituïção, troca ou supressão dos respectivos caracteres. Por morte do seu autor, ficou o trabalho incompleto (só até parte da letra J), e só se encontra no vol. xx, ano de 1912, *Anais do Notariado Português*, dirigido pelo sr. Domingos Curado, e de que era redactor o sr. Antonio Tavares de Carvalho, inteligente notário de Lisboa e dedicadissimo camilianista.

2) O falecido Prof. Júlio Moreira, consagrado romanista e distinto pro-

Pela nossa parte faremos quanto em nossas apoucadas fôrças caiba. E desde já, por isso, no intuito de dar uma quota parte para o engrandecimento do léxico português, publicamos a presente lista de vocábulos: uns, na maior parte, que se não encontram registados no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa,* do sr. Cândido de Figueiredo, apesar de ser o mais abundante; outros que observámos com diversa significação; e ainda alguns cuja origem nos pareceu duvidosa.

Muitos vocábulos foram tirados, durante uma rápida leitura, de romances de Camilo, sem veleidade de estudo, pelo que não obedeciam a critério preconcebido as notas que tomámos. E por ser acentuadamente camiliana a linguagem do sr. dr. Ricardo Jorge (1) — o que o faz apelidar de o mais

---

fessor e filólogo, compilou um «*Fragmento de um estudo sôbre a linguagem de Camilo*», que foi incluído no volume II (póstumo) dos seus *Estudos da Língua Portuguesa*. Respeita, porém, só a três romances.

(1) O sr. dr. AUGUSTO DE CASTRO, o nosso mais scintilante e emotivo cronista, no seu *Fumo do meu cigarro* — essa esplêndida colecção de crónicas em que há observação, movimento, elegância, espírito, ardor, sentimento e extraordinário poder comunicativo — insere uma apreciação da figura literária do sr. dr. Ricardo Jorge, da qual salientamos as seguintes passagens:

«O sr. dr. Ricardo Jorge é um discípulo da viva e sanguínea prosa camiliana e só podemos lastimar que a medicina e a sciência nos tenham roubado até hoje a fecundidade literária dêste belo espírito, eminente professor; muito mais homem de letras que homem de laboratorio».

«... que maravilhosa e refulgente côr e que magnífica opulência de vocabulário, numa terra em que quási todos nós escrevemos, como regra, com seis palavras. O dr. Ricardo Jorge é, sob êsse aspecto e como prosador, um mestre.

«Ainda é, nestes dessorados e arrebicados tempos, um prazer lê-lo — e um ensinamento escutar, de longe em longe, esta voz em que há raça e terra portuguesa».

considerado discípulo do Grande Mestre e o único cujo estilo se modela na verdadeiramente rica e original prosa de Camilo — de alguns dos seus escritos extraímos muitos termos que julgamos dever registar. Os restantes foram quási todos colhidos directamente da linguagem popular, especialmente do Baixo Alentejo.

Não terá interêsse real êste nosso trabalho — escrito a demais sem aquela elevação de forma ou exposição scientífica que conviria ; — e, se lhe damos, porém, publicidade, é com o patriótico intuito de incitar outros, mais competentes, ao estudo do assunto, da maior importância para o engrandecimento e riqueza da nossa língua e do léxico português.

abeirão e abeiro

Assim se chama ao chapéu de abas largas usado pelos alentejanos. A pronúncia é *àbeirão, àbeiro.*

absurdez

O mesmo que *absurdeza.*

«Não me afouto à *absurdez* de reprovar o castigo, que o mesmo seria pregoar a impunidade do latrocínio.»

CAMILO — *Memórias do cárcere,* vol. II, p. 84, 4.ª ed.

absurdidade

O mesmo que *absurdeza.*

«Às vezes (o P.e Antonio Vieira) cavilava os argumentos de modo que as conclusões disparavam em *absurdidades* chocarreiras».

CAMILO — *Curso de Literatura,* vol. II, p. 105.

academicidade

Qualidade atribuída ao académico.

«... perdi voluntàriamente a *academicidade,* que, tal qual a virgindade, uma vez perdida, nunca mais se recupera».

RICARDO JORGE—*Contra um plágio do Prof. Teofilo Braga,* Lisboa, 1918, p. 99.

acarear

Além das acepções registadas pelo *Novo Dic.* — confrontar, pôr em frente; tornar-se alvo (de simpatia, afeição) e chamar a si — no Alentejo significa também: Dar abrigo, alimento, etc. Adquirir, juntar. *Amigo de acarear* se diz daquele que procura, e leva para casa, proventos, negócios ou lucros ou quaisquer objectos que possam servir de alguma utilidade.

«O lavrador *acareou* os malteses por causa da chuva».
«Os ganhões já *acarearam* o milho» — isto é, já juntaram na eira ou num lugar determinado o milho (ou qualquer outro cereal) que se havia ceifado.
«O pai deixou-lhe pouco, mas, como êle gosta de *acarear*, hoje vive desafogado».

acareio

Acção de *acarear* — adquirir, ajuntar.

«O *acareio* do feijão, da cevada, etc....».

afarmalhar

E' um provincianismo, colhido em Cercal do Alentejo. Significa fazer vista, sobressair em côres alegres, vivas:

«Esta chita *afarmalha* mais do que aquela».

alanzoar

Regista o *Novo Dic.:* Dizer à tôa. Tagarelar, fanfar, ter bazófia. (De *zoar*, com um prefixo incerto).

No Alentejo tem a significação de *resmungar*, *questionar* (dos rapazes), e é vulgar ouvir-se:

«*Lá estão a alanzoar como cães*».

Alanzoar, pois, deve ter a origem em *alão* e *zoar* — o *rosnar do cão*.

alarido

Define o *Novo Dic.*: Gritaria, clamor. (Do árabe *garida)*.

Vimos algures que *alarido* era o grito de Allá, repetido e prolongado. Não estará, portanto, a origem em *Allá* e não em *garida?*

alario

O mesmo que *alarido*.

«Jurou vingar-se, e vingou-se sem estrondo, nem *alario*, que deslustrasse a seriedade da sua missão».

CAMILO — *Memórias do cárcere*, I, p. 122, 4.ª ed

alcançado

Significa no Baixo Alentejo, entre a gente do campo, *envergonhado*.

«Fulano sentiu-se *alcançado* e saiu».

alegável

Que pode ser alegado.

«Mas confessa a sua incapacidade metódica de recapitulante, pois que a abundância de material não é razão *alegável* que impeça de sumariar».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio*, p. 72.

algurandear

Andar de lugar em lugar, de casa em casa.
É provincianismo alentejano, formado de *algures* e *andar*.

alheta

Diz o *Novo Dic.* que significa — *ir no encalço de, na perseguição ou a encontro de alguem.* No Alentejo, e já o temos ouvido em Lisboa, é o termo usado com a significação contrária, isto é, *de fugir à responsabilidade ou perseguição.* É vulgar no Alentejo ouvir-se:

«Teve mêdo e pôs-se na *alheta*».

aligar

O mesmo que *ligar.*

«..., interêsses *aligados* à sua abadia...».

Camilo — *O Retrato de Ricardina,* ed. def., 1888, p. 83.

«Minha tia, irmã dêle (Simão Antonio Botelho), solicitada por minha curiosidade romanesca, estava sempre pronta a repetir o facto, *aligado* à sua mocidade».

Camilo — *Memórias do cárcere,* II, p. 135.

alvinitência

Qualidade do que é alvinitente, do que brilha branquejando.

«Chega a final a *Revista,* deita-lhe a mão, passa-a para o farnel do costado, e pouco tempo volvido aparece a

luzir aquela «nítida» biografia cuja *alvinitência* o negro dedo de Ricardo veio encarvoar...».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio*, p. 28

amoldurado

O mesmo que *moldurado* ou *emmbldurado.*

«O mestre Inácio da cartilha velha, *amoldurada* às necessidades do século, é o romancista».

CAMILO — *Anos de Prosa*, 2.ª ed., p. 5.

anti-formoso

O que não é bem conformado, o que é feio.

«Peço perdão às formosas, e mesmo às *anti-formosas...*»

J. DA S. MENDES LEAL — No artigo *Ás damas*, inserto em *A Semana*, Janeiro de 1851, II, p. 8.

aprosar

Tornar prosa ou parecido a prosa.

«... e fazer-te ver que há por estas montanhas do Douro umas Graças obscuras, que podem competir em estilo com as tuas Tágides, tuas e do Camões, que as poetizou para tu as *aprosares*, grande velhaco!»

CAMILO — *Memórias de Guilherme do Amaral*, 2.ª ed., p. 56.

arípene

Termo antigo que significava metade de uma jeira. Esta media-se em quadrado, de forma que cada lado tivesse 24 palmos.

HERCULANO — *Eurico*, 5.ª ed., p. 327, notas.

arquitolo

O maior tolo, o tolo mais completo.

«Toda esta *arquitola* indrómina é exibida por T. Braga como um argumento triunfal».

Ricardo Jorge — *Contra um plágio,* p. 37.

arrepanhia

Acto ou efeito de arrepanhar.

«De Faria e Sousa e T. Braga, essa *arrepanhia* sem consciência nem vergonha constitui — disse-o e repito-o — uma página escura da nossa história literária antiga e moderna».

Idem, *idem,* p. 51.

arrôcho

A definição que lhe dá o *Novo Dicionário* — Pau curto e torto, para apertar as cordas com que se ata um volume, cargas, etc. — é a que no Alentejo se atribui a *garrôcho,* que o *Novo Dic.* diz ser o mesmo que *garrancho* (em cast. *garrancho).* O *garrôcho,* do Alentejo, é também o mesmo que *garrancha,* da Bairrada.

Não será *arrôcho* corrupção de *garrôcho?*

assaque

Acto de assacar.

«... sem que aliás faça seguir êste *assaque* do menor vislumbre indiciativo».

«Cobarde, endossou o *assaque,* falsíficando a firma responsável duma personalidade respeitada da crítica estrangeira».

Idem, *idem,* p. 60 e 65.

assilhar

Usa-se no Alentejo na acepção de assentar, arrumar, tomar assento. Derivado de *silha*, cadeira.

«*Assilhar* um pote, uma caixa, uma saca», etc.

atentivamente

De modo atentivo, com atenção.

«E o homem do fraque ouvia tudo *atentivamente*, e começava a espirrar grandes gargalhadas».

CAMILO—*Memórias do cárcere*, 4.ª ed., p. LVII, vol I.

azar-se

Dar azo; ser ocasião, ensejo.

«O lugar não é êste para versar o fundo da questão, mas *aza-se* a ocasião para mais uma vez desnudar no Teófilo a triste e birrenta enfermidade da sua hermenêutica e crítica de arte».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio*, p. 50.

babelesco

Relativo a Babel; o mesmo que *babélico*.

«A feitura de cada livro ainda é mais caótica do que a desordenação do conjunto — uma confusão *babelesca*, a lembrar a loja do adeleiro de ferro-velho, ou melhor um armazem de materiais de demolição».

IDEM, *idem*, XLVI.

barbeirice

Afirmação pretenciosamente tola ou acto ridículo de *barbeiro*, de curandeiro.

«Tudo quanto diz da «sensibilidade mórbida que se converteu em nevralgias», da cegueira produzida pelo descarrilamento da Trofa, e outras *barbeirices* pseudo-médicas, está na corda da ignorância habitual, muito embora a doença do romancista fôsse a tempo diagnosticada; Camilo era um tabético».

Idem, *idem*, p. 110.

barrano

É termo usado, pelo menos, no Baixo Alentejo. Significa a perfuração que se faz nas rochas das pedreiras ou minas, na qual se introduz o cartucho de dinamite que, explodindo, as rebenta.

barreleiro

Não é completa a definição do *Novo Dicionário*. *Barreleiro* é pròpriamente o cesto de vime empregado na barrela. Põe-se-lhe dentro a roupa, bem aconchegada, e por cima, separada por um pano, a cinza com que se faz a lixívia; e tudo sôbre uma tripeça, disposta para escorrer a água.

No Alentejo usa-se de preferência, em vez do cesto, um cortiço, e nalgumas terras, onde a cortiça não abunda, servem-se de barricas sem os respectivos tampos.

Em sentido depreciativo se diz que o homem baixo e grosso é um *barreleiro*.

bastar

Além da significação vulgar *ser suficiente, satisfazer* —, o vocábulo é usado também no sentido de *abastecer*, mas na voz reflexa.

bazofiador

Que diz ou que usa de bazófias.

«Onde está hoje o *bazofiador* da *Questão Coimbrã* o inimigo fero das *Teocracias literárias*?»

IDEM, *idem*, p. 98.

belga

Como provincianismo alentejano, significa *corrida.* Ouve-se amiúde: *Deu uma belga que nem uma lebre.*

bespeneta

Criança viva, esperta, respondona, tagarela. *(Prov. alent.).*

bibliogênese

A gênesis, a constituição, a origem ou formação do livro.

«A *bibliogènese* teofiliana constitui um processo curioso e simples de fabricar volumes que dá razão imediata da sua quantidade e qualidade».

IDEM, *idem*, p. XLVI.

bibliogénico

Que diz respeito à *bibliogênese.*

«Descriminar e apurar as fontes *bibliogénicas*, determinar a *fiilogênese* da obra, é um objectivo cada vez mais predilecto da crítica scientífica».

IDEM, *idem*, p. XLIX.

bibliorreia

Produção, em abundância, de livros. Emprega-se em sentido depreciativo.

«Bem pintada a *bibliorreia* teofilesca, mas pode lá chamar-se...».

IDEM, *idem*, p. 92.

bibliorreico

Próprio de *bibliorreia.*

«Deu fé do repúdio infligido ao *bibliorreico* pelas pessoas de real saber e competência...».

IDEM, *idem*, p. 93.

biografagem

Indica a acção de produzir biografias, de biografar.

«Na *Revista* demonstrei por todos os modos quanta a falsidade dêstes e quejandos sistemas de *biografagem* artificial, perante a metodologia scientífica e a literatura comparada...».

IDEM, *idem*, p. 38.

bocada

O mesmo que embocadura (das ruas).
(Prov. alent.).

busaranha

É corrupção de *musaranho (mus araneus).*
GIL VICENTE emprega *busaranha*, em sentido figurado e como termo injurioso, no «Auto da Barca

do Purgatório», no diálogo entre o *Pastor* e o *Diabo*. (*Apud* Leoni, *Génio de Língua,* I, p. 13).

O *Novo Dicionário* regista o termo, grafando-o com z, no sentido de *ventania*.

calhança

Em jíria tipográfica, significa o caber ao compositor um trabalho de tipo alto ou um artigo com título de grandes caracteres, e ainda composição aproveitada, que estava para se distribuir, como, por exemplo, nos jornais, um anúncio que foi publicado e cuja composição o tipógrafo aproveita como sua em nova publicação.

calmázio

Grande calma, intenso calor produzido pelo sol. (*Prov. alentejano*).

camonolatra

Que adora, que presta culto a Camões.

«A venta estética e filológica com que fareja Camões êste *camonolatra,* está sempre a esbarrá-la no sedeiro, e não sente que se espeta».

Ricardo Jorge — *Contra um plágio,* p. 51.

carepe

É um onomatopaico que ouvimos no B. Alentejo. Diz-se que a espingarda fez *carepe,* quando se ouviu bater o cão sôbre o fulminante, que não explodiu.

carrêta

Significa, em regra, o carro pequeno.

No Baixo Alentejo chama-se *carrêta* ao carro puxado por bois. Quando se diz que passou uma *carrêta,* já se sabe que era um carro de bois, ao passo que, se se disser que passou um *carro,* quere referir-se ao puxado por muares ou cavalos.

carrinha

Diz o *Nov. Dic.* que é a pequena carroça alentejana ou algarvia. Carroça, no Alentejo e no Algarve, é o carro grosseiro para cargas ou o pequeno carro de mão e de uma só roda.

Carrinha, naquelas províncias, é o pequeno veículo de duas rodas, com molas, puxado por um só animal, para transporte de pessoas; o que em Lisboa se chama «charrette».

casquilheira

A que usa de casquilharia. Alcoviteira.

É termo muito usado em Beja, onde também se ouve a pronúncia *cosquilheira* ou *quesquilheira.*

castelhanista

O que se deixou influenciar pela literatura ou pela civilização castelhana.

«Revela até nas referências de então sempre má gana contra o pobre bucólico, derreando-o com o epíteto de *castelhanista*».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio,* p. 23.

cava-terra ou **cavaterra**

No *Novo Dic.* está registado o vocábulo como nome de uma espécie de caranguejo. Segundo Julio Moreira, *Estudos*, I, p. 65, no concelho de Penaguião chama-se *cava-terra* à toupeira. Informam-nos que em São Vicente da Beira se usa — *escava-terra.*

cerre

O mesmo que *cerrado*. E' usado no Minho: «Noite *cerre*», noite de muito escuro.

chacotina

Significa *barulho, gritaria,* algazarra. Colhido em Cercal do Alentejo. Já ali ouvi pronunciar *chicotina.*

charlatanamente

A modo de charlatão, que procede com charlatanismo.

«E ainda por cima tripudia *charlatanamente,* pompeando o seu método que todo pedante chama de *aproximações sucessivas*».

Ricardo Jorge — *Contra um plágio,* p. 56.

chavelhento

Em forma de chavelho, isto é, retorcido.

«Como é que êste citaredo, sempre chambão e *chavelhento,* contubernal de musa gafada..., se mete pela velhice fora a despejar cornucópias de estrofes?»

Idem, *idem,* p. XXIX.

chavelhudo

Que tem chavelhos. É o nome que vulgarmente se dá ao Lucífer, o Diabo. Tambem nas touradas se chama *chavelhudo* ou cornúpeto ao touro.

Ó Inferno, coisa má!
Hiu, barca do *chavelhudo,*
beiçudo, beiçudo,
rachador d'alverca, huá!

Gil Vicente — *Auto da Barca do Inferno,* adaptação e Prólogo de Afonso Lopes Vieira, p. 36 (Fala do *Parvo* com o *Diabo).*

chàzada

E' termo popular que designa o *chá,* bebida.

«Bebi uma *chàzada* e fiquei almoçado».

chàzinho

Usa-se muito como termo familiar:

«Fiquei toda a noite em casa, li os jornais e, depois de tomar o meu *chàzinho,* deitei-me».

chibato

E' o pequeno bode, que tem mais de seis meses e menos de um ano. (De *chibo).* No Alentejo e Estremadura transtagana, contrariando a designação do sufixo deminutivo *-ato,* diz-se:

Chibato — o mesmo que *bode.*
Chibo — o bode pequeno, cabrito.

chorrilhar

Juntar em série, sucessão, conjunto de coisas ou pessoas, mais ou menos semelhantes.

«Erra datas, deturpa documentos, anacroniza factos, confunde personagens, *chorrilha* desconchavos, larga caraminholas, engrola pêtas».

RICARDO JORGE, *Contra um plágio,* p. 20.

chumbadoiro

Cada um dos buracos que se abrem nas cantarias que se querem ligar com grampos.

«Herculano, ao arrancar dos *chumbadoiros* êsses maranhões, foi acusado de praticar o crime nefando de cortar as raizes da alma nacional».

IDEM, *idem,* p. LXXVII.

chumbinhos

Em jíria tipográfica, significa os tipos ou caracteres tipográficos.

«Se me vejo livre dos *chumbinhos,* sou feliz».

cincadilha

O mesmo que *cinca.* E' porém um deminutivo.

«A cópia é flagrante, salvas as cincadilhas históricas peculiares a s. e.».

IDEM, *idem,* p. 31.

có

Voz imitativa do som da pancada que se dá no alto da cabeça.

«Nem dice mais senão que fizera aquilo, porque lhe viera à vontade pelo *có* que elrei lhe dera na cabeça».

FERNÃO MENDES PINTO — *Peregrinações*, t. 3.º, c. 177, p. 68. (*Apud.* — LEONI — *Génio da Lingua*, vol. II, p. 292, nota).

cobredor

Prato de barro destinado a tapar a assadeira, o papeiro, etc. também de barro. (*Prov. alent.*).

coleirinho

Antigamente significava a criança que ainda andava ao colo. CAMILO empregou o termo com a significação de *colarinho* (gola de pano, etc.).

«O barão estava verde! A transpiração momentânea ensopou-lhe a goma dos *coleirinhos*».

Mistérios de Lisboa, 5.ª ed., vol. II, p. 113.

«Estou ainda em que disse larga cópia de tolices, e melhor fizera eu se me metesse, de luva branca e *coleirinho-guilhotina*, pelo «mundo patarata» dentro».

Um homem de brios, p. 45, 3.ª ed.

«O século tem uma úlcera, cujos herpes não enojam alguem. A podridão só ofende o nariz da opinião pública, se o leproso de alma, depois que se atufou no atoleiro, não pode saltar de lá para uma carruagem, e das portinholas atirar dinheiro às rebatinhas sôbre a gentalha de *coleirinhos* engomados».

Idem, p. 78.

contrabandismo

E' a acção de contrabandear, exercer contrabando.

«Felizmente que a história e a paleo-literatura contam hoje entre nós trabalhos contrastados pelo punção da sciência mais pura, que nada tem que ver com o *contrabandismo* e fancaria do mestre das *remendices*».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio*, p. 21.

contraveirado

Em heraldica significa guarnecido *contraveiro*. *Contraveiro* é a guarnição de escudo em que se opõe metal a metal e côr a côr.

co-redentor

Aquele que redime juntamente com outrem.

«... e o Padre Vieira, improperado pelas váias dos amotinados, veio preso com os seus *co-redentores* para o reino».

CAMILO — *Curso de Literatura*, v. II, p. 103.

corporiforme

Que apresenta a forma de corpo.

«As nudezas reduzem-se por vezes a manchas *corporiformes*, com livores cadavéricos, onde se destacam três pinceladas negras nas axilas e no púbis, porque os ultramodernistas odeiam a epilação clássica, repreendida já pelos Gauthier e pelos Goncourts.

RICARDO JORGE—*Diário de Noticias* de 8-IV-1920, artigo «Arte de Inverno».

cortesanesco

Relativo à côrte, cortesão, palaciano.

«Sempre com os seus artifícios deformantes e esquemas subjectivos, quere fazer rodar em tôrno do paço do

senhor de Leiria a vida *cortesanesca* e literária do Lereno...».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio*, p. 24.

costal

Actualmente, no mercado, um costal (de bacalhau) pesa 60 quilogramas.

Antigamente correspondia a duas arrobas e meia, como se pode verificar pelo «Regulamento das portagens em Sant'Iago de Cacem, dado por El-Rei D. Manuel e guardado no arquivo da Câmara».

Êste Regulamento acha-se inserto nos *Anais do Municipio de Sant'Iago de Cacem*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1869, donde extraímos estas disposições:

«E asy decraramos que todallas cargas que adiante vam postas e nomeiadas em carga maior se entemda que sam de besta muar ou cauallar. E por carga menor se entemda carga dasno. E por *costall* ametade da dita carga menor que he o quarto da carga de besta maior».

«*Carga em arouas* — E a carga maior se entemde de dez arouas. E a menor de cimquo arouas. E o *costall* de duas arouas e meia».

craião

Achamos esta grafia, aportuguesamento do *crayon* francês, preferível a *craiom*, que o *Novo Dicionário* regista.

«E todo êste animatógrafo de cabeças palpita em traço e côres no esfregaço ténue e delicado dos *craiões*».

RICARDO JORGE — *Diário de Noticias* de 8-IV-920. Artigo «Arte de Inverno».

deficiário ou **deficitário**

Neologismos formados do latim *deficit*. Que apresenta saldo negativo.

desassinalado

Que não deixou sinal, indício; sem marca ou sinal.

«A infância de José Teixeira correu *desassinalada* do algum facto que presagiasse as porvindouras maldades».

CAMILO — *Memórias do cárcere*, vol. II., p. 88.

desassinalar

Tirar ou não deixar sinal, marca ou indício.

descantar ou **descantear**

Temos ouvido em oficina de canteiros, empregar estes verbos na acepção de—limpar de cantos as pedras.

deschumbado

Significa *sem chumbo*. «Grades deschumbadas» —isto é, a que se tirou ou caíu o chumbo dos chumbadoiros.

deschumbar

Tirar o chumbo dos chumbadoiros.

desconcebido

Que não teve concepção. Que não pode ser percebido.

«Êle, o mestre, intitula êsses acervos informes, difusos, *desconcebidos* e desconexos uma recapitulação, um sumário».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio,* p. 20.

descraveirado

Que não tem craveira, desmedido, que não tem as aptidões necessárias.

«... determinar-lhe as características da intelectualidade *descraveirada* e do seu efluxo literário...».

IDEM, *idem,* p. XXVI.

desempeçonhar

Tirar a peçonha, desprover de veneno.

«Se isto tem siso comum — o que não é de todo o ponto averiguado — não se domestica o tigre, nem se *desempeçonha* a vibora, nem se moraliza o criminoso».

CAMILO — *Memórias do càrcere,* vol. II, p. 83.

destrajar

Vestir de máscara; vestir pelo Carnaval fato diverso do que se usa normalmente. Usa-se muito êste verbo em Beja:

«Fulano *destrajou-se. Destrajo-me* àmanhã».

disformia

Qualidade do que é disforme.

«É nas esculturas do átrio que ressaem os melhores escantilhões desta *disformia* vesânica.»

RICARDO JORGE — *Diário de Notícias,* de 8-IV-920

disformidade

Qualidade do que é disforme. Monstruosidade.

dispendiosidade

Qualidade do que é dispendioso. Dispêndio.

emiscuir-se

Os dicionários portugueses registam *immiscibilidade* e *immiscível* (que não é susceptível de misturar-se) e também *miscibilidade* e *miscível* (que tem propriedade de se misturar; que se pode misturar ou combinar). São portanto, palavras autónimas.

Em latim há os verbos *miscere* e *immiscere*, que têm a mesma significação — misturar —, pois a partícula *in-* do segundo não exprime negação, como acontece naquelas palavras portuguesas, mas sim fôrça e intensidade. Do latim *immixtio* veio para o francês *immixtion* (acção de misturar) e do verbo *immiscere* veio *immiscer* (misturar), que na fórma reflexa, *s'immiscer*, significa intrometer-se. Assim, com aquela origem latina, e mantendo à partícula o seu caracter, temos em português *imisção* (mistura, acção de misturar).

Não registam, porém, os nossos dicionários o verbo ou verbos equivalentes a *miscere* ou *immiscere*, mas o que é certo é que se usa muito o verbo *emiscuir-se* — misturar-se, confundir-se, intrometer-se. O *e* inicial do verbo *emiscuir-se* é a transformação da preposição *em* derivada da latina *in*.

Se está ou não bem derivado o verbo *emiscuir-se*,

não curamos, pois apenas queremos notar a sua existência.

Também o verbo latino *promiscere* (misturar, confundir), não tem correspondente registado nos dicionários portugueses, mas tem largo uso o verbo *promiscuir-se* (intrometer-se, misturar-se).

enfobiar

Enraivecer, causar irritação.

«Ora não há nada que tenha o condão de *enfobiar-me* como a pedantice...».

Ricardo Jorge — *Contra um plágio,* p. xiv.

engar

Habituar-se a, preferir (um pasto). Insistir, teimar. O *Novo Dic.* dá *iniquare* como origem de *engar.* Não nos parece que o étimo seja aquele verbo latino, que significa — inimizar, fazer inimigo; descontentar, alienar —, mas sim o verbo *inhiare,* que tem a significação que se atribui a *engar.*

No Alentejo emprega-se também na acepção de *começar, dar principio*: «Engar o trabalho».

enleaça ou **enleada**

Ambas estas formas, com a significação de *enrêdo, intriga,* são usadas no Alentejo.

entrefolhar

Colocar entre fôlhas. Dispôr as flores de um ramos ou coroa no meio de fôlhas. Intercalar fôlhas em branco ou manuscritas num livro.

«Já não eram unicamente os reflexos da tua glória, os raios de tua luz, era eu, constituída grande em espírito, por milagre do coração, depondo a teus pés a minha coroa, *entrefolhada* de palmas, que te juncavam o caminho dos triunfos».

CAMILO—*Mem. de Guilherme do Amaral*, 2.ª ed., p. 159.

enxalmo

E' uma pequena almofada de pano, que se usa nas cozinhas alentejanas para pegar nos cabos ou asas das vasilhas que estão ao lume, a fim de evitar queimar as mãos. Deve, pois, ajuntar-se esta acepção às que o *Novo Dicionário* regista.

eruditão

E' um termo popular que designa o falso erudito, aquele que finge possuir vastos conhecimentos em determinada matéria, quando apenas os tem superficialmente.

eruditar

Tratar ou escrever sôbre assuntos eruditos. O mesmo que *erudir*.

«— êste sonêto não podia jorrar das entranhas sentimentais de Roiz Lobo, porque... porque já não namorava e só *eruditava*...».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio*, p. 50.

eruditonamente

A modo de *eruditão*.

«Os frades ao menos eram mansos, não batiam em quem lhes não recebesse como moeda corrente os tramas

míticos que êles urdiam *eruditonamente* com as lendas da antiguidade ou da escritura».

IDEM, *idem*, LXXVIII.

escavaloar

O mesmo que *cavalgar*, montar.

«O seu cavalo de batalha é a Sciencia com S grande, e para melhor *escavaloar* soldou-se à montada como o centauro».

IDEM, *idem*, XXX.

escortinhar

Cortar freqüentemente. Ter o hábito de cortar. (Termo popular).

escrevinhice

Acto ou costume de escrevinhar.

«Nada soube acrescentar, nada trouxe de novo; porque a mão de Teófilo, brutamente mecanizada na *escrevinhıce* à rasa, foi sempre canhestra e inábil para os processos delicados e fecundos da pesquisa; nem presciencia, nem diligência, nem paciência».

IDEM, *idem*, p. 29.

esfoiçar

Cortar com a foice; ceifar.

«Teve essa sorte feliz ou infeliz a Gaby Deslys, que pouco antes, em fevereiro, era *esfoiçada* do proscénio em pleno fulgor de sedução».

RICARDO JORGE — *Diário de Notícias*, de 5-VIII-920 — artigo *Maias e Perpétuas*.

esfoladiço

Próprio para se esfolar. Carne *esfoladiça* — a do carneiro, chibato, etc. *(Prov. alent.)*.

esfoladio

O mesmo que *esfoladiço*. Carne de *esfoladio* — se diz em Arganil.

estabalhoado

Significa o mesmo que *estavanado*.

«O amor reduzi-lo-ia a silfo, minha senhora? — prosseguiu o *estabalhoado*, mordendo o charuto ao canto esquerdo dos beiços e arqueando o braços na cintura».

CAMILO — *Anos de Prosa*, 2.ª ed., p. 80.

A páginas 85 emprega também o advérbio *estabalhoadamente*.

estatuïficado

Tornado ou feito estátua. Que tem estátua a glorificá-lo.

«Sonha-se *estatuïficado* como Camões, com uma roda de oitocentistas na peanha».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio*, p. 104.

estesoirado — estesoirar

Cortar à tesoira, escortinhar com a tesoira.

«Êste arlequim das letras estreia em cada livro uma nova véstia de retalhos, *estesoirados* à surrelfa da aba alheia e mal cerzidos com a mão canhestra a linha podre».

IDEM, *idem*, p. 57.

«A moda *estesoira* a seu bel-prazer o corte do vestuário e dos cabelos»

RICARDO JORGE—*Diário de Noticias*, de 5-VIII-920.

estupefeito

O mesmo que *estupefacto*.

«O público *estupefeito* remeteu-os ...».

RICARDO JORGE — *Diário de Noticias* de 8-IV-920, artigo *Arte de Inverno*.

excessivismo

Qualidade daquilo que é excessivo. Temos encontrado êste termo nos jornais.

fascoto

Significa, no Baixo Alentejo, um pequeno vara-pau.

fazer-se

Adquirir, tomar posse, apossar-se de.

«*Fez-se* de uma bengála e desancou-o».

Ao contrário, *desfazer-se* significa desapossar-se, largar de mão. *(Prov. alent.)*.

felga

Significa, no Alentejo, afã, diligência, cuidado (na execução de um trabalho).

filogênese

O mesmo que *filogenitura:* amor que conduz à procriação dos filhos.

Veja-se a citação em *bibliogénico.*

fornear

Esgrimir com a lança, espada ou florête à semelhança de quem mete lenha no forno.

«E os nossos não tinham outro ofício, senão *fornear* e ensopar as lanças neles».

João de Barros—*Década 3.ª*, L. 3.º, C. 6.º, p. 302 (*Apud* Leoni — *Génio da Lingua*, I, p. 302.

fotografação

Acto ou efeito de fotografar.

«O típico dessas criações, o que as tornou, por naturalíssimas, universais, não foi, nem podia ser, o nome originàriamente imposto a cada um dêsses personagens scénicos; foi, sim, a *fotografação* nítida e viva de cada um dêsses caracteres».

A. F. de Castilho — *A Folha* (Microcosmo literário) n.º 11, p. 88. Carta a propósito de uma crítica de Mendes Leal ao *Médico à fôrça.*

frése

Do termo francês *fraise,* que é o nome dado a um instrumento mecânico próprio para abrir dentes numa serra ou numa roda e sulcos em qualquer chapa metálica, o industrial português inventou, seguindo a pronúncia, a *frése,* que é vulgar nas oficinas metalurgicas. Esta forma aportuguesada está já muito em uso, por isso a devemos aproveitar, bem como os seus derivados:

Fresador — o operário que trabalha com a *frese.*

Fresar — trabalhar com a *frese,* aplicá-la.

gásio

De côr azul celeste. Diz-se particularmente com referência à côr dos olhos.

O étimo é *caesius*, que não autoriza a grafia imposta pelo *Novo Dicionário* e pelo *Vocabulário*, de Gonçalves Viana, — *gázeo*. A verdadeira grafia, portanto, é *gásio*.

geógrafo

Parecerá estranho que mencionemos aqui êste termo tão vulgar e registado por muitos dicionários. Citamo-lo, por se dar a coincidência de não o registarem o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, o *Vocabulário Ortográfico e Remissivo*, de Gonçalves Viana, e *Dicionário Prático*, de Jaime Seguier. Foi lapso, certamente.

gerecedor

O mesmo que *gerador*. Lemo-lo algures em Camilo.

«Matriz *gerecedora* da vida, é-o também da que anima a propagação do culto artistico».

Ricardo Jorge — *Diário de Notícias* de 8-IV-920.

gloriador

Que gloria, que cobre de glória.

«Assim se deslustraram para todo o sempre e rolaram a pouco e pouco no baixo fundo da literatura um escritor e uma obra, a quem pela emprêsa *gloriadora* das letras pátrias cabiam a estima e a reverência de quantos as cultivassem».

Ricardo Jorge — *Contra um plágio*, p. 21.

gravulto

Vulto divisado ao longe ou ao escuro. *(Prov. alent.)*.

harpejar

Significa o mesmo que *harpear*, que o *Nov. Dic.* regista.

«Na minha mocidade os citaredos da deliqüescência romântica, ou *harpejassem* no Chiado ou no café Marrare, ou na Rua das Flores e no café da Aguia...».

Ricardo Jorge—*Diário de Notícias* de 5-VIII-920.

hebdomadizar

Tornar hebdomadário, semanal.

«... agora que *hebdomadizaram* o patrão—é caso para neologismo...».

Ricardo Jorge — *Contra um plágio*, 112.

hipercultura

Cultura excessiva.

Ricardo Jorge — *Diário de Notícias* de 8-IV-920.

hipervaidade

A excessiva vaidade.

Registamos êste vocábulo sem citação, pois apenas vimos abonado o adjectivo. Parece-nos dever-se aproveitar esta abonação para justificar o substantivo.

hipervaidoso

Vaidoso em alto gráu, em excesso.

«Herculano, Martins, Antero, Camilo — a todos aboca-

nhou *porcamente,* por não reconhecerem a sua *hipervaidosa* primazia».

RICARDO JORGE -- *Contra um plágio,* p. 104.

historiagem

Indica a produção continuada de *histórias* ou a colecção das mesmas histórias.

É um neologismo formado de *história* e do sufixo *agem,* que exprime a ideia de repetição e sucessão.

«Quem se guiar pelas *historiagens* tacanhas de T. B. sôbre os nossos escritores, mal divisará muitas vezes outra coisa que não seja um autoctonismo absurdo, sacrificando a todo o transe a realidade a ficções pseudo-patrióticas».

IDEM, idem, p. XLIX.

iatrógrafo

Aquele que escreve sôbre medicina.

Ao lado de *iatrógrafo,* seja-nos lícito registar: *iatrografar, iatrografia iatrográfico.*

JÚLIO DANTAS — *Diário de Noticias,* de 8-III-920, artigo «O Momento Literário».

imisção

Acto ou efeito de misturar, confundir, ligar. Mistura, confusão.

«Ignora que a sciência se emancipou abertamente de toda a *imisção* da filosofia, e que os seus admiráveis progressos datam precisamente do dia em que expulsou do seu seio a farragem sinistra dos sistemas».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio,* XXXVI.

Veja-se *Emiscuir-se.*

inconcutível

Que se não pode *concutir;* incontestável, inabalável.

«Êste é o facto inconcusso e *inconcutível:* os elementos concretos da biografia do Lereno foram carreados e dados à estampa antes mesmo do empreendimento dos *Seiscentistas,* quanto mais da sua publicação.»

Idem, idem, p. 29.

judaísta

Que pratica o judaísmo. O versado em assuntos judaicos.

«...—e tentara a tradução do dolente romance que lhe consagrou o célebre *judaista* inglês Zangwill».

Idem, idem, p. 84,

labarito

Êste termo, que se ouve muito no Alentejo, é corrupção de *labírinto* e significa *barulho, gritaria, algazarra.*

lapisar

Desenhar a lapis.

«Poucas vezes a contemplação da pintura me tem dado abalo assim como o que ressenti perante estas fôlhas de papel *lapisado*—espécie de cinegrama das figuras do grande século, arrancadas em vida e feição às galerias de Versailles, aos salões mundanos, aos gabinetes dos filósofos, aos camarins das cómicas, aos toucadores das mulheres de luxo».

Ricardo Jorge — *Diário de Noticias,* de 8-IV-920.

lazeira

Além da acepção que lhe dá o *Novo Dic.*, no Alentejo significa também *preguiça.*

lazeiro e lazeirinho

Descanso, oportunidade, vagar.

Ambos êstes termos, segundo nos informam, são usados em Aljustrel:

«Assim que tiver um *lazeirinho* vou a tua casa».
«Aproveita o primeiro *lazeiro* para conversarmos».

librorreia

O mesmo que *bibliorreia.*

«Nesta *librorreia* disentérica largou de si ultimamente romances e poemas».

Ricardo Jorge — *Contra um plágio*, p. 117.

linguagista

Que trata ou é versado em assuntos de linguagem.

«*Linguagista* dêste porte, ao colacionar os textos do português autorial, trata-os a pancada de cego».

Idem, idem, p. 76.

literateiro

O mesmo que *literatelho* ou *literatiço.*

Os trechos críticos são mais uma amostra da proficiência dêste *literateiro,* aleijador professo de textos».
«Nem Quevedo conhece, o *literateiro* professo».

Idem, idem, p. 47 e 59.

lornhão

Lunetas de cabo, usado pelas senhoras. Achamos natural êste aportuguesamento do francês *lorgnon,* pois já temos *vagão* e *camião.*

luarejar

Significa *fazer luar.*

«O ceu não *luareja,* nem scintilam as luzernas dos candeeiros — tudo escuro como breu».

RICARDO JORGE — *Diário de Notícias,* de 5-VIII-920, artigo «Maias e Perpétuas».

luminismo

Sistema ou escola de *luminista.*

luminista

Pintor, que sobressai no emprêgo e combinação da luz.

RICARDO JORGE — *Diário de Notícias,* de 8-IV-920.

lusitanizante

Que lusitaniza, que torna português.

«Para complemento de galantaria ao ilustre *lusitanizante,* arranca duma revista de Barcelona o trecho...».

«Mr. Aubrey Bell é um *lusitanizante* que está consagrando à nossa literatura estremadas qualidades erudítas e críticas com uma devoção que merece o sentimento grato dos portugueses cultas».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio,* p. 60 e 69.

lusitanizar

Tornar lusitano, dar o caracter de português.

lúteo

Que tem o caracter ou o aspecto de luto, negro, triste, plangente.

Dezembro! Em *lúteos,* soturnais acentos,
Rebôa um *De-profundis,* longo e fundo...

Antonio Correia de Oliveira — *Pão Nosso, Alegre Vinho, Azeite da Candeia,* — Livraria Portugália, editora, Rua do Carmo, 75, Lisboa, p. 87.

malfeliz

Infeliz, desventurado.

«Oh malfeliz, malfeliz! que, em vez de empregares êsses raios do fôgo cerúleo e invisível das inspirações estéticas...».

Herculano — *Lendas e Narrativas,* vol. II, p. 179.

maluquear

O mesmo que malucar, dizer ou praticar maluquices.

«Á conta de passos da egloga, *maluqueia* alusões a dois casos de côrte passados com o Barão de Alvito e o Duque de Aveiro...».

Ricardo Jorge — *Contra um plágio,* p. 54.

manutir

Tem a mesma acepção de *manter.*

«... um exército que lá estava e está a *manutir* a obra impávida dos Albuquerques, dos Castros e dos Almeidas, por quem o Tejo ultimamente desatou a rir».

Camilo — *Volcoens de lama,* p. 250.

mealhar

Juntar mealhas, dinheiro, pecúlio.

«Sobejavam-lhe, ainda assim, os recursos que andára mealhando com muito lavor. e esperança de os desfrutar na pátria»,

Camilo — *Memórias do cárcere,* vol. II, p. 55.

meano

Ouve-se amiúde êste vocábulo no Alentejo. Significa o mesmo que *meão,* de proporções médias. Ex.: Um porco *meano.*

mesquinheza

O mesmo que *mesquinhez.*

«O amor a uma ave parecerá a alguem *mesquinheza* de ânimo, e baixo emprêgo de sentir».

Camilo — *Memorias do cárcere,* 4.ª ed., p. 17, vol. I.

moedoiro

O mesmo que *moenda.* Acto ou efeito de moer ou triturar.

«Ninguem o encara a sério como poeta, ninguem tem olhos de lêr as suas farfalharias, e êle cada vez mais açodado no *moedoiro*».

Ricardo Jorge — *Contra um plágio,* XXX.

monegasco

Habitante de Mónaco; relativo a Mónaco.

«O *monegasco,* à sombra desta receita, vive vida folgada e milagrosa...».

«Rocorta-se em ferradura a costa *monegasca*».

RICARDO JORGE—*Diário de Notícias*, de 16-VII-920, artigo «No azul ferrête»,

mosaicista

A pessoa que trabalha em obras de *mosaico*. Achamos preferível esta forma à que o *Novo Dic.* apresenta — *mosaísta*. A composição do termo *mosaicista* é *mosaic* + *ista*. Usou-o SOUSA VITERBO na descrição da Capela de S. João Baptista.

mostrengar

Tornar mostrengo; fazer monstro.

«Faz uma empada de quantos versos pescou a esmo, um *pot-pourri* heteróclito de recortes das eglogas e da pastoral, versos adequados às situações e personagens da novela, que êle decepa e tortura para amanhar o aleijão que se lhe *mostrengou* na mioleira».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio*, p. 37.

nojice

Acção ou estado do que causa nojo.

«Esta inominável *nojice* está assim escrita...».

IDEM, idem, p. 102.

oitiva

O mesmo que *outiva*, *audição*, *ouvido*.

«As orações recitadas (da Academia dos Singulares) não eram tão banais e estólidas como inculcam os desdenhosos, deixando-nos suspeitar, em abôno da sua capacidade, que não as leram, e escreveram de *oitiva*».

CAMILO — *Curso de Literatura*, vol. II, p. 131.

olorado

Que tem olor; perfumado.

«Aqui o maio também tem a sua flor tradicional — o meigo e *olorado* lírio dos vales, a campânula nevada do *muguet des bois* que inflora a lapela dos transeuntes e o seio contente das *midinettes*».

RICARDO JORGE — *Diário de Notícias*, de 5-VIII-920.

orelhada

No Alentejo usa-se no sentido de *bofetada.*

BRITO CAMACHO, na expressiva descrição da Feira de Santo António *(A Luta,* 3-IX-920), reprodu-lo com a significação que apontamos.

orvalheira

O mesmo que *orvalhada;* o orvalho que caíu durante a noite. «A orvalheira desta madrugada foi abundante». Também se ouve no Alentejo a fórma masculina.

O *Novo Dic.* regista o termo, como de Setúbal, designativo da chuva ligeira, nas madrugadas de verão.

pádoa

Pão, de certa fórma e tamanho, usado em Guimarães. LEITE DE VASCONCELOS supõe-o originado de *panatula. (Lições de Filologia Portuguesa,* p. 147).

pangalhada

Significa *divertimento, pândega* de comes e bebes. Colhido em Cercal do Alentejo.

panúrgico

Relativo ou próprio de Panúrgio — a célebre personagem do «Pantagruel», de Rabelais. Da sua acção proveio a expressão — *os carneiros de Panúrgio* — para designar os que procedem por espírito de imitação.

«Quero-me com êstes, ilesos do contágio *panúrgico*».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio*, p. XI.

pegagento

O mesmo que peganhento ou pegajoso ou pegadiço.

«Quem pisar a estepa da obra teofiliana, arrisca-se a um enliçamento contínuo; uma lama viscosa, *pegajenta*, se cola aos pés, e não há meio de a gente se despegar dêste lodaçal onde se alastram as patacoadas».

IDEM, idem, p. 52.

pendulear

Verbo que significa dar ou ter o movimento do pêndulo, ora para um lado, ora para outro.

«Retorce esgares, *penduleia* a nuca e bamboleia as munhecas; está gingão, mata-moiros».

IDEM, idem, p. 8.

pequice

Qualidade do que é *pêco*, isto é maçador, rabujento, meticuloso. O sr. DR. CANDIDO DE FIGUEIREDO usa o termo quando, no seu *Dicionário*, dá a significação de «*Pequenice* — pequice, ninharia (De

pequeno)», mas não o regista no lugar competente.

pêrramente

Como pêrro, como cão.

«...mente *pêrramente,* vilãmente, para denegrir o homem que no século XIX português se tornou o emblema do génio e do caracter».

RICARDO JORGE — *Contra um plágio,* p. 65.

pessoalidade

Qualidade do que é pessoal. Personalidade.

«Conferindo diversas *pessoalidades* e idades ao Cristóvão Falcão, ora o irmana, ora o desirmana do Bernardim Ribeiro».

IDEM, idem, p. 54.

pessoalizável

Que se torna ou pode tornar pessoal.

«No romance mais *pessoalizável,* o alusivo ao naufrágio, aparece o Lereno, êsse sim, pastor do Lis e pescador do Lena, e a sua amada é Liseia».

IDEM, idem, p. 37.

pòdarrozar

Pertence êste neologismo ao sr. AQUILINO RIBEIRO, que o usou num seu trabalho publicado na revista da Renascença, do Porto, *A Águia,* vol. XVI, p. 100. Significa, pois, aplicar no corpo ou no rosto pó de arroz.

poemático

Que diz respeito ao poema.

«Entre os furunculos que brotoejam insanàvelmente as pregas cerebrais de T..., é êste, o *poemático,* o que faz mais estranha bossa...».

Ricardo Jorge — *Contra um plágio,* p. 118.

poematização

Acto ou efeito de *poematizar.*

«... a *poematização* do *Mar Tenebroso,* dos *Doze de Inglaterra* e do *S. Frei Gil* recorda a fúria epopeica do José Agostinho, salvos os méritos poéticos do padre».

Idem, idem, p. 118.

poematizar

Tornar poema, dar a fórma de poema.

polifisionomia

Estado de quem apresenta muitos aspectos do rosto.

«... e das máscaras *polifisionómicas* dos mestres japoneses».

Ricardo Jorge — *Diário de Notícias,* de 8-IV-920.

porcamente

A modo de porco; como porcalhão.
Veja-se nota a: *hipervaidoso.*

positivice

Acto ou afirmação positivista. Positivismo ridículo.

«A Oliveira Martins... desdenha-o e nulifica-o por não professar as suas *positivices*...».

IDEM, idem, p. 105.

prologal

Relativo ou em fórma de prólogo.

«E feita esta espécie de ementa *prologal* na primeira margem do livro...».

IDEM, idem, p. VIII.

promiscuir-se

Intrometer-se, misturar-se.

Veja-se o que consideramos a propósito de *emiscuir-se.*

racial

Que diz respeito a raça.

«... que nos descendem da cepa *racial* dos *ligures*...».

IDEM, *idem*, p. LXXVIII.

recapitulante

Que recapitula, que repete sumàriamente.

Veja-se a citação do termo: *alegável.*

regréssimo

Ouvimos êste termo várias vezes em Cercal do Alentejo, para designar o lugar aprazível e de bom fruto, por exemplo uma quinta que seja o encanto do seu dono, um celeiro, bem provido de cereais, etc.

relacional

Que tem relação com.

«Erra-a e falseia-a de contínuo, cortando-lhe os mais íntimos laços *relacionais*, escondendo-lhe a sua mais imediata etiologia».

«A obra de Lobo, dissémos, reflete esta vida *relacional* com os magnates de mais porte».

IDEM, *idem*, p. LI e 41.

remendice

Designa a qualidade de remendo. Acto de remendar, produzir remendos.

Veja-se a nota ao vocábulo *contrabandismo*.

renascentista

Que diz respeito à *Renascença*.

«Veja se algum dos seus alunos lhe ensina que na *Arcádia* ha doze eglogas, e em italiano, que elas são um mosaico da bucólica greco-romana e que foram a principal matriz da bucólica *renascentista*».

IDEM, *idem*, p. 78.

retratual

Que diz respeito ou pertence ao retrato.

«... *Tempo d'Agora em Diálogos*, de Martim Afonso de Miranda, onde há páginas *retratuais* da vida social portuguesa».

IDEM, idem, p. 82.

seciar

Fazer do *sécia*, imitar as maneiras da mulher presumida.

«Uma destas se ia toda peneirando e *seciando* na Praça Nova, quando a douda, encostada à grade, aquecia o peito nu ao sol».

CAMILO—*Memórias do carcere,* vol. II, p. 68.

semente

Significa também garfo de enxertia, na linguagem popular de Trás-os-Montes, como informa JULIO MOREIRA nos seus *Estudos da Língua Portuguesa,* I, p. 16, nota.

semi-sciência

Falsa ou fraca sciência.

CASTILHO, n'*A Semana,* p. 54, vol. II.

serieção

Formação ou disposição em *séries.*

simulcadente

Que tem simulcadência.

«... pantomima de vozes jogada entre duas palavras *simulcadentes.*

CÁMILO — *Curso de Literatura,* vol. II, p. 105.

tamiça

Cordel delgado de esparto.

Diz o sr. dr. Cândido de Figueiredo que provém do francês *tamis.* Duvidamos que seja essa a origem de *tamiça.* O vocábulo deve ter provindo directamente do latim, onde há *tomex* (corda de esparto ou de cânhamo), com o seu deminutivo *tomicta* que tem, portanto, a mesma significação de *tamiça.*

Tamis (fr.) significa diversamente : peneira ou saco de pano para passar substâncias pulverizadas — o que mais nos convence que *tamiça* tem por étimo *tomicta.*

tauxia

A definição que lhe dá o sr. dr. Cândido de Figueiredo é abonado por HERCULANO, nas *Lendas e Narrativas,* vol. II, p. 267 : «Sapatas *tauxiadas* de pregos». Não se usará hoje a que FREIRE, nas suas *Reflexões* parte 3.ª, p. 55, cita? Diz-se ali: «*Tauxia,* de que usou D. Francisco de Portugal em suas poesias, significava aquele matiz de branco e vermelho que faz formoso o rosto».

tegelina ou **tigelina**

Assim se chama à mulher vaidosa, serigaita, empertigada, delambida, segundo ouvimos em Beja.

tiração

Significa o mesmo que *tiragem.*

Èste substantivo ouve-se amiúde no Alentejo, em frases como esta: «Já começou a *tiração* da cortiça da herdade das Maroteiras».

Nunca, referindo-se a cortiça, notei que empregassem, no Alentejo, tiragem, mas sempre *tiração,* aliás termo bem derivado.

translucidar

Fazer ou tornar translúcido.

«A linfa do córrego, cristaliza-se, *translucida-se* e espelha a verdura dos choupos e salgueirais».

CAMILO — *Mem. de Guilh. do Amaral,* 2.ª ed., p. 77.

trasbordura

Nas medidas de líquido, no Alentejo pelo menos, para certos géneros, como o leite, usa-se encher a medida e deixar trasbordar um pouco.

Á parte do líquido que trasborda chama-se *trasbordura.*

vergoada

O mesmo que *vergão*, 2.º sentido apresentado pelo *Novo Dic.*

«Em 1662 (P.ᵉ António Vieira) prègou à rainha D. Luísa de Gusmão contra a servidão dos índios: comoveu até às lágrimas, e fez que a santa liberdade volvesse à América a estalar as gargalheiras do índio e a cicatrizar-lhe as *vergoadas* do tagante».

CÁMILO — *Curso de Literatura,* vol. II, p. 103.

vataria

Designa o aglomerado ou reunião de *vates.* Encontrámos o vocábulo no jornal *A Semana,* Jan.º de 1851, vol. II, p. 2, em artigo de apresentação, assinado por Silva Túlio, no qual se reproduz o prospecto distribuído para propaganda da entrada da folha no seu 2.º ano.

venerabundez

Qualidade do que é venerabundo, ou venerável.

«Pois como explica, alto senhor, que um homem como

eu, embora modesto, arrisque o seu nome por baixo destas regras que investem a *venerabundez* do seu semblante de sábio inauferível?

Ricardo Jorge — *Contra um plágio*, p. 15.

vidracista

É o artista de vitrais.

«Afastam-se em muito da simplicidade nobre e da feitura sóbria do *vidracista* mediévico».

Ricardo Jorge — *Diario de Noticias*, de 8-IV-920.

xumberga

Encontrámos êste vocábulo no primeiro de uma série de artigos sôbre «Os fac-simile dos escritores contemporâneos» que Latino Coelho escreveu n'*A Semana* (veja-se vol. II, n.º 25, p. 285). Como não conhecemos a sua significação, aqui deixamos transcrito o período:

«Daqui a cem (anos) o chinó mais enfezado, mais tísico, menos prolífico de certos académicos fósseis, que a posteridade há-de respeitar, ter-se-ão multiplicado escandalosamente, e trinta ferros velhos insolentes apregoarão pelas ruas, ao mesmo tempo, a cabeleira do académico *arabigo*, a *xumberga* tonsurada do académico *panfletário*, os calções de banho de um, os sapatos de ourêlo de outro».